



Kukas: a renovação da joalheria

Diário de Notícias
4/Julho/1968

Kukas é um nome estranho. Kujas é um nome exótico. No fim de contas, um nome creditado de uma artista portuguesa que tem vindo a contribuir para a renovação duma arte com tradição em Portugal mas estranhamente parada estática — a joalheria.

É uma mulher ainda jovem, de cabelos escorridos sobre os ombros, que expõe jóias originais, modelos únicos de sua criação, na Galeria 111. Jóias requintadas, diferentes, sugestivas do «período industrial» em que vivemos, expostas em esferas plásticas transparen-

tes, que pendem do tecto, como pérola em ostra.

— Achava incrível que a joalheria portuguesa não tivesse evoluído. À semelhança do que sucedeu com as outras artes — diz ela.

A artista já era decoradora e em 1962, por mera casualidade, curiosidade ou inspiração de momento — quem sabe explicar cientificamente estas coisas? — começou a fazer jóias para uso pessoal e para ofertas.

— Comecei a trabalhar os metais nobres, comecei a tomar o gosto da joalheria e a

desenvolver esta tendência que me impelia para a joalheria moderna.

— Considera a joalheria uma actividade artística ou profissional?

— A base da minha actividade é a decoração. A joalheria é mais um requinte de criação do que outra coisa. Por isso me agrada e entusiasma.

— As peças que exponho ou são encomendas ou pedidos de renovação de jóias antigas, mortas numa caixinha. Gosto de dar vida a esse ouro enterrado em guarda-jóias.

suir um quadro ou uma jóia será ser rico? Tudo um problema de nível de vida.

— Mas não gostaria de ver popularizadas as suas criações?

— Certamente que gostaria. Tomara eu não fazer peças únicas, mas modelos para serem reproduzidos em escala industrial. Mas isso já não depende de mim... Aliás, em Paris já vendi alguns modelos com esse intuito.

— Em resumo...

— Em resumo, a minha arte é um pouco a reacção contra o formalismo de uma joalheria estática. Sou contra esse, como contra todos os formalismos...

É por isso que estou aqui a trabalhar em jóias cinéticas — com movimentos, iluminadas. Enfim, procuro renovar o sentido tradicional da jóia — reserva de cofre.

— E vende?

— Como compreende, não sou milionária para aplicar ouro e prata sem garantia de ter comprador. Trabalho principalmente por encomenda e faço pequenas jóias que normalmente vindo nas exposições que faço no País e no estrangeiro.

— Já vendeu muito nesta exposição?

— Já tenho algumas peças vendidas... Mas, não se esqueça, a minha actividade mais lucrativa é a decoração.

M. A.

Sternberg, Resnais

(Continuação da 8.ª página)

mento literário não muito comum nos jovens cineastas (estes são de parecer que o realizador deve inventar as suas próprias histórias), estabelece um diálogo entre o criador literário e o cinema. Neste aspecto, vejamos como Sternberg observou o cineasta:

— Ainda não há muito tempo, na Bélgica, um jornalista exclamou agressivamente: «É curiosa a associação Sternberg-Resnais. Não vejo bem o que na sua obra pôde interessar Resnais, nem o vejo a si a colaborar com ele.» Disse-lhe:

«Para mim, Resnais é um encenador que é também um homem normal — contrariamente aos outros. É o único, dos que conheço, que é um leitor sistemático. É um intelectual típico, recheado de livros, de discos, e que quase não tem móveis. Quando lê, não se interessa por três ou quatro autores ou pelo *France-Observateur* (como Godard, que parece devorar magazines e nada mais), interessa-se por uma quantidade de autores. Acho que Resnais desejaria colaborar com, pelo menos, cinquenta autores americanos: é doido por eles e prefere-os, creio, aos france-

ses. Acontece que não tem oportunidade de se encontrar com eles. Não é escritor (de testa escrever um simples bilhete-postal), mas sabe admiravelmente o que deseja encenar: não o autor, mas o mundo desse autor.»

Em *Je t'aime, je t'aime* — e segundo os testemunhos já vindos a público — Resnais, o cineasta da minúcia, soube penetrar nos complexos meandros criativos de um dos autores mais difíceis de catalogar do nosso tempo. Dessa atenta penetração no labirinto do imaginário só o cinema terá a ganhar.

INSPIRAÇÃO

— A base da minha inspiração? Neste momento procuro efeitos estéticos em formas industriais, peças, instrumentos.

Olhamos para uma vitrina: duas pequenas dobradiças de ouro, tema de uns botões de punho.

— Não acha que a arte da joalheria é uma arte para ricos?

Kukas teve um sorriso:

— Sei lá. Em certo sentido é capaz de ser. Mas olhe que a peça mais cara desta exposição custa 8500\$00. Numa exposição de pintura ou de escultura, estes preços seriam extremamente modestos. E que arte é que se não destina a ricos. Ter capacidade para pos-